

CASO SUZANO: A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA SOB A ÓTICA DOS PROGRAMAS SBT BRASIL E BRASIL URGENTE ¹

Izailma Jaciara Araújo COSTA²

Láís Silva FERNANDES³

Ada Kesea Guedes BEZERRA⁴

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

A figura do jornalista é a principal mediadora no momento de informar com ética e responsabilidade, quando os fatos envolvem tragédias, se vê mais ainda a necessidade de um olhar empático do formador de opinião. Porém, essa credibilidade do repórter é posta em cheque quando o mesmo faz da notícia um espetáculo e se ancora na dramaticidade para noticiar o trágico. Este artigo tem como finalidade discorrer sobre duas reportagens acerca do Caso Suzano, veiculadas pelas emissoras Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e Rede Bandeirantes (BAND) sob a luz de Tuchman (1983), Wolf (1994), Pereira Jr. (2003), Paternostro (2006), dentre outros, que embasam a discussão com reflexões sobre a responsabilidade jornalística e as consequências do conteúdo produzido sob o prisma da espetacularização e do sensacionalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Sensacionalismo; Caso Suzano; Produção Jornalística.

INTRODUÇÃO

As produções das reportagens levam em consideração a linha editorial da emissora, é o carro-chefe do Jornalismo e sem ela, a profissão se torna órfã e sem rumo. É essa linha editorial que muitos confundem com o que chamam de parcialidade, e juntamente com os telespectadores, define o que será veiculado em tal programa.

Além da perspectiva editorial, outros fatores incorrem na qualidade dos conteúdos veiculados. A rotina de produção e edição, o acesso em tempo hábil às informações, e mesmo a postura do jornalista no momento de cobertura do fato.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática – Jornalismo, da Intercom Júnior do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB. E-mail: izailmajaciara@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB. E-mail: laisfernandes.12@gmail.com.

⁴ Jornalista. Doutora em Ciências Sociais pela UFCG. Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: ada.guedes@gmail.com.

Neste artigo, o leitor vai acompanhar o direcionamento das reportagens sobre o Caso Suzano dos programas SBT Brasil e Brasil Urgente, de modo a elencar características e apreender como cada telejornal se comportou, em sua produção e direcionamento, diante do acontecido que chocou o país no dia 13 de março de 2019. O primeiro é caracterizado pelo jornalismo tradicional, com dois âncoras em uma bancada e com exibição de reportagens sobre o fato, com comentários esporádicos dependendo da matéria exibida; já o último, tem o formato de jornalismo policial e é destacado por narrativas em primeira pessoa, dramaticidade e juízo de valor. É evidente que são as narrativas desta última, que prendem o público no sofá da sala para acompanhar as notícias trágicas que são anunciadas quase diariamente por programas que faz da redação, um picadeiro em que o fator principal não é a notícia, mas o apresentador que narra.

Desta forma, é necessário darmos visibilidade a forma como o jornalismo e os telejornais brasileiros estão dando conta de passar a informação ao telespectador a partir de diferentes formatos, bem como averiguar como em meio à rotina produtiva de uma notícia súbita, ao caráter trágico do próprio fato e o atendimento a linha editorial de cada telejornal, os repórteres conseguem manter ou não a qualidade da produção jornalística.

1 TEXTO NA TV: CARACTERÍSTICAS E FORMATOS

Acredita-se que o maior desafio da televisão nos dias de hoje é fazer com que o texto e a imagem caminhem juntos, sem ao menos competirem entre si. A grande prioridade do jornalista é trazer ao público as respostas para suas dúvidas e fazer ressoar a veracidade em cada palavra. Responder as seis perguntas clássicas do jornalismo que compõem a notícia: Quem? O Quê? Quando? Onde? Como? Por quê? é a base da construção da narrativa, mas o ato de contar uma história ou apresentar um fato da maneira mais verossímil possível pode ser executado de diferentes formas, e é nesse meandro da produção que questões como respeito às fontes, ética geral e deontológica, compromisso com a objetividade dos fatos, e mesmo desatenção com a estética televisiva pode se perder.

Destacarmos como o texto na televisão é tratado pelo jornalista, é de grande importância para trazermos à tona, diversos questionamentos sobre como essa narrativa pode até mesmo prejudicar a compreensão por parte do público telespectador.

Neste aspecto, vê-se a necessidade de pontuarmos o crescimento do jornalismo na televisão, em que a evolução da linguagem, dos gêneros e formatos, ocorreram juntamente com as transformações tecnológicas.

Os primeiros programas de telejornal apresentavam as notícias lidas pelos apresentadores no estúdio, apenas com textos informativos e *notas simples*. Logo, viu-se a necessidade e a potencialidade da inclusão das imagens; assim sendo, foi adicionado ao cardápio jornalístico as *notas cobertas*, aquelas em que o apresentador lê as notícias em off e as imagens aparecem na tela conforme a voz do jornalista narra a notícia.

Em 1963, sendo explorado inicialmente pelo Jornal da Vanguarda⁵, o gênero opinativo começa a ter seu destaque, trazendo outras novas características jornalísticas como o comentário, a crônica e a caricatura. Já em 1969, começa a nascer um tipo de característica jornalística baseada nos programas dos Estados Unidos, explorado pelo Jornal Nacional, e assim, dando início à padronização dos programas jornalísticos de televisão.

Com isso, foram criados outros formatos, como a reportagem e assim, passando a “ser o motor propulsor das notícias e o gênero informativo é predominante nos telejornais a partir da aplicação de conceitos de isenção, imparcialidade e a ampla busca de versões plurais para trazer uma visão totalizante sobre determinado fato.” (SPINELLI, 2012, p. 2).

Desse modo, esses novos formatos moldou um jornalismo com opinião e criticidade; a partir de então, jornalistas, conforme a linha editorial de cada empresa, poderiam opinar a respeito de questões que a sociedade vivenciava. Neste aspecto, podemos ver que os apresentadores e repórteres, antes imparciais no quesito “opinião”, poderiam promover um questionamento nos telespectadores a partir da problematização de algum tipo de acontecimento, e não somente trazer a informação.

No que se refere à estética, entendemos que a televisão é espaço para diferentes gêneros discursivos que abrangem do conteúdo factual ao ficcional e neste meio destacam-se recursos próprios que acabam por estabelecer uma estética da televisão, ou

⁵ Jornal de Vanguarda foi um programa informativo criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima para a TV Excelsior em 1963. É considerado um marco de criatividade e ousadia, graças às inovações que introduziu no telejornalismo brasileiro no início da década de 1960.

seja, recursos que transitam em diferentes programas como na telenovela, na série, mas também no telejornal, como desenvolvimento do personagem, a encenação, a dramaticidade, etc. No entanto, no que se refere ao telejornal o compromisso com a objetividade acaba por requisitar a ponderação da presença de tais recursos.

2 ROTINAS PRODUTIVAS E TELEJORNALISMO

Os avanços na tecnologia e conseqüentemente, nos produtos midiáticos, alavancaram uma nova forma de se fazer notícia: mais ágil, detalhada e performada. Essas mudanças formaram um novo tipo de jornalista e telespectador, o primeiro com formação e atuação multitarefa e o último mais exigente. Vera Íris Paternostro (2006, p.69), no livro *O Texto na TV*, diz que “com a convergência das mídias, mudam os processos de produção de conteúdos; isto é, modifica-se o trabalho na nossa boa e velha redação.”.

A partir de então, surge a incerteza sobre o futuro da mídia televisiva no que concerne a sua audiência, já que uma simples busca em portais, sites e blogs poderia sanar dúvidas e manter o cidadão informado sobre qualquer assunto em questão de minutos e em qualquer lugar; diferentemente da mídia tradicional, que além de seguir um script, precisa ser fiel ao *deadline*, horário de programação e formatos de produção. Por outro lado, os produtos jornalísticos da mídia massiva, como os telejornais, seguem mantendo audiência cativa e é para este público que se produz, um público que se conhece, sabe-se seus gostos, costumes e valores, de modo que, manter essa audiência torna-se o foco.

No livro *O filtro invisível*, Eli Pariser (2012) faz uma analogia entre a mídia tradicional e a internet. Para o autor, a internet não anula a eficácia das TV's, porém, no mundo online é onde se concentra informações diversas; diferentemente dos veículos de mídia tradicional, que passa por uma filtragem na redação para selecionar os informes, pois conta com o fator tempo.

Em portais, dentre uma gama inesgotável de acontecimentos, há a possibilidade de atualizações frequentes, e conseqüentemente, espaço para um maior número de notícias enquanto em um telejornal há toda uma lógica de produção demarcada por tempo e espaço delimitados, linha editorial determinada e demanda para cobertura, produção e edição próprios da linguagem e estética televisiva.

As principais fases da produção da informação são: a captação, a seleção, e a apresentação. Na primeira fase temos a captação das matérias necessárias para se dar forma a um noticiário ou a um jornal. Um componente fundamental dessa fase são as fontes, divididas entre as propriamente ditas, e as agências de informações. As primeiras são as instituições, pessoas ou aparelhos que podem virar notícias. As mais credíveis são aquelas que podem programar suas atividades de modo a satisfazer a necessidade contínua que os mass media têm de cobrir eventos previamente marcados. (PEREIRA JR., 2003, p.83).

Mas e quando a missão é noticiar o inesperado? Fazendo apropriação de uma classificação antiga, porém pontual, Tuchman (1983) descreve as notícias como *duras*, *leves*, *súbitas*, *em desenvolvimento*, e *em sequência*. As notícias *duras* são de caráter factual: o pronunciamento de um Ministro, uma CPI parlamentar, uma blitz da polícia em uma comunidade do Rio de Janeiro, etc, estas perdem a atualidade e razão de ser rapidamente, enquanto as *leves* permanecem no âmbito noticioso por mais tempo, como por exemplo, uma peça de teatro que será exibida durante um mês. Ambas oferecem tempo hábil para produção, pois são quase sempre programadas, enquanto as notícias *súbitas* requerem uma produção rápida e inesperada, pois se referem a situações de emergência. Nestes casos, a incapacidade de previsão afeta o fluxo do trabalho de produção dos conteúdos. As notícias *em desenvolvimento* referem-se a situações emergenciais, mas que ainda estão se desenrolando, nas quais novos dados e informações vão chegando aos poucos ao acesso do jornalista. As chamadas *em sequência* remetem a fatos já programados, mas que demandam acompanhamento, como o julgamento de um político ou celebridade.

O caso aqui analisado consiste na reportagem ao imponderável, ao inesperado, e, portanto, trata-se de notícia súbita. Tal aspecto determina uma dinâmica específica que envolve corrida em busca de fontes, contra o tempo e concorrência. Se pensarmos a assertiva de Wolf (1994, p.219) para quem,

A fase de preparação e apresentação dos acontecimentos dentro do formato de duração dos noticiários consiste, precisamente, em anular os efeitos das limitações provocadas pela organização produtiva, para 'restituir' à informação, o seu aspecto de espelho do que acontece na realidade exterior, independentemente do órgão informativo.

Essa corrida requer ainda um envolvimento do repórter com os sujeitos, com o cenário e com a situação. Uma atuação real e ao mesmo tempo performática, pois para

além da concepção do autor sobre a notícia como espelho do real, sabe-se que o que se oferece ao público é um recorte da realidade, e, portanto, uma reportagem a partir de uma abordagem, de uma concepção do real. Nesse âmbito, o próprio formato do produto audiovisual infere em uma estética que proporciona a demonstração do envolvimento emocional e performático do repórter com o fato e seus sujeitos. Vale, no entanto, ressaltar que há um limite entre envolvimento com qualidade jornalística e conteúdo sensacionalista.

3 NARRATIVA DRAMÁTICA OU SENSACIONALISMO

O Jornalismo transita sob uma linha tênue entre uma boa cobertura e o sensacionalismo, principalmente se tratando de programas policiais. Fazer das vítimas, personagens; ou da notícia um “conto de terror”, é uma realidade que infelizmente não está perto de findar.

Entendemos que a noticiabilidade exige critérios, e quando estes escorre às mãos do jornalista, é veiculado o que chamamos de sensacionalismo. No artigo *Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo*, o francês Guy Debord, conhecido por sua obra *A Sociedade do Espetáculo*, embasa a discussão ao afirmar que:

A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular, a despeito das barreiras protecionistas ideológico-policiais de qualquer espetáculo local com pretensões autárquicas” (DEBORD, 1997, p. 39).

Partindo dessa premissa, é notável que os programas sensacionalistas fazem da notícia espetacularizada um produto em troca de capital. Noticiar exige grau de maturidade, de empatia e responsabilidade. Não permitir que o fato, principalmente quando é trágico, se transforme em mercadoria também é um grande desafio, pois se “a função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que o consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência da sociedade” (PARK, 1972, p. 183 apud PEREIRA JR., 2001, p. 65).

Em paralelo, não é difícil encontrar jornalistas que se emocionam com os fatos que preenchem as redações dos telejornais diariamente, chorar com as vítimas, vivenciar de perto o acontecimento, também faz parte dessa profissão que lida com o

forte e o inesperado. Sandra Annenberg sabe bem sobre se envolver com reportagens, ela chorou *ao vivo* depois de exibir a história do encontro de uma filha com a mãe então viciada em crack⁶.

Para os programas policiais, o que fazem sustentar reportagens que exploram emoções de maneira exagerada, é a lógica de estar em primeiro lugar diante de uma audiência cativa desse tipo de conteúdo.

O sensacionalismo está presente também na linguagem coloquial exagerada, na produção de noticiário que extrapola o real, no tratamento antianódino do fato, na “produção de uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma”, na exploração do vulgar, no destaque a elementos insignificantes [...] na valorização de conteúdos ou temáticas isoladas [...] e sem contextualização político-econômico-social-cultural. (ANGRIMANI, 1995, p. 102).

No entanto, vale ressaltar que o sensacionalismo é na verdade um conceito errante. Tonar uma narrativa sensacional nem sempre é prática barata. Agrimani (1990) tem como foco conteúdos advindos do jornalismo policial, mas e o que dizer de fatos que condensam a comoção através do despertar da emoção, empatia e solidariedade? Trata-se de sentimentos que circundam o universo do trágico e do horror, mas que reflete nossa humanidade, nossa capacidade de praticar a alteridade.

Na procura da essência dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Busca-se a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso, recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades – subjetividades (IJUIM; SUIJKERBUIJK; SCHIMIDT; p.141 apud IJUIM, 2005, p. 40).

Deste modo, há o relato espetacular, sensacional e exagerado, mas há também a narrativa humanizada. O que vai determinar a diferença entre um e outro são as práticas empreendidas no momento de construção da narrativa, através das quais, no segundo caso, garante-se um produto noticioso capaz de despertar comoção e envolvimento, mas sem comprometer a responsabilidade do profissional, a coerência, a ética e a qualidade estética do conteúdo noticioso.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=MahviQjocD0>

O que buscamos com a observação das reportagens é justamente averiguar esses meandros, elencar onde em meio à rotina produtiva de uma notícia súbita, ao caráter trágico do próprio fato e o atendimento a linha editorial de cada telejornal, os repórteres conseguem manter ou não a qualidade da produção jornalística.

4 CASO SUZANO: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO BRASIL URGENTE E SBT BRASIL

4.1 O CASO

A cidade de Suzano que faz divisa com o ABC Paulista, tornou-se cenário nos telejornais do mundo no dia 13 de março de 2019, quando dois ex-alunos invadiram a Escola Estadual Professor Raul Brasil, executando estudantes e funcionários da instituição.

De acordo com as notícias veiculadas, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25, haviam sofrido bullying e juntos planejaram, durante um ano, o ataque à escola. O pacto que os atiradores fizeram seriam assassinar o máximo de vítimas possíveis e, logo em seguida, cometer suicídio.

Os dois adolescentes entraram no colégio pouco depois das 9 horas e 30 minutos da manhã de uma quarta-feira. Um deles entrou, carregou a arma e atirou em quem estava na sua frente; logo depois o segundo rapaz adentra a escola e retira um machado da bolsa que carrega nas costas e acerta as vítimas fatais do atirador.

Eles utilizaram armamento pesado que incluía: um revólver calibre 38, arco e flecha, coquetéis *molotov*⁷, um pequeno machado e uma bolsa com explosivos. Com estas armas, conseguiram cometer o ataque como planejado deixando 10 mortos e onze pessoas feridas.

O ataque ganhou destaque nos telejornais do mundo causando perplexidade aos telespectadores. O Brasil que se espelha nos Estados Unidos para o futuro, guarda também em seu histórico ataques “à la americanizados”, isso porque todos os atentados cometidos apresentam semelhança ao ataque em Columbine, que em abril completa duas décadas. Quando uma dupla de estudantes invadiu a escola secundária da cidade de Littleton, no Colorado, e deixou um saldo de 15 alunos mortos e 21 feridos, além do

⁷ Explosivo que usa garrafa de vidro cheia de líquido inflamável e um pedaço de tecido.

suicídio dos autores do crime, Dylan Bennet e Eric David⁸. A crueldade arquitetada e executada por adolescentes estremeceu e marcou todo o mundo, tornando-se referência para ataques que surgiram posteriormente em escolas no Brasil.

Em 2011, o país assistiu ao ataque à Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo no Rio de Janeiro, Wellington Menezes de Oliveira abriu fogo e deixou 12 estudantes mortos e dezenas de feridos⁹; em 2017 outro caso, um atirador entrou em uma escola particular de Goiânia matando dois alunos e deixando quatro feridos¹⁰. Segundo as investigações, todos esses ataques foram premeditados e motivados pelo *bullying* que os atiradores sofreram onde estudavam. Esses episódios fizeram a sociedade olhar com mais cuidado para esses problemas.

4.2 AS COBERTURAS

As coberturas aqui analisadas marcam o dia em que o Brasil parou e os telejornais voltaram seu olhar para Suzano. Para a análise, foram escolhidas as reportagens do programa SBT Brasil, que pertence ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e do programa Brasil Urgente, que faz parte da Rede Bandeirantes (Band). Vale destacar um breve histórico de cada programa e assim, compreender melhor a influência que as linhas editoriais exercem sob a concepção de seus conteúdos.

O STB Brasil é apresentado por Carlos Nascimento e Rachel Sheherazade, no horário das 19h45min (Horário de Brasília), considerado como o horário nobre da televisão brasileira. Sua criação aconteceu no ano de 2005, com a apresentação de Ana Paula Padrão, considerado um programa que apresentaria “um novo estilo ao jornalismo”. A linguagem do jornal é de fácil compreensão, e assim como o segundo programa analisado, é planejado durante a realização de cada apresentação uma pausa para a opinião do jornalista. Em cada dia é destaque as categorias do editorial com reportagens em vários gêneros.

Já o Brasil Urgente teve seu início em 1997 como um programa de auditório comandado inicialmente pelo ator e apresentador Wilton Franco. Com o passar dos anos, o formato foi se adequando ao que é considerado hoje um programa policial, e é

⁸ <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/332954518/o-massacre-de-columbine>

⁹ <https://canalcienciascriminais.com.br/atirador-realengo/>

¹⁰ <https://oglobo.globo.com/brasil/ataque-tiros-em-escola-de-goiania-deixa-dois-mortos-feridos-21972229>

apresentado pelo jornalista José Luiz Datena. A transmissão é feita a partir 16 horas (Horário de Brasília), mantendo sempre uma linguagem coloquial e opinativa como o marco do programa. Datena conduz cada reportagem e cada bloco com sua “dramaturgia” para chamar a atenção do telespectador para a notícia que está sendo passada no momento.

Apesar de formas distintas de abordagem da notícia, é válido destacar o objeto de pesquisa, que são as duas formas de cobertura do caso de Suzano, em que cada telejornal tinha como finalidade passar ao telespectador, em sua perspectiva, como estava o clima na cidade e das famílias das vítimas diante do fato. É importante destacar também a forma como cada telejornal inseriu os repórteres e a forma de como a informação foi passada no momento.

A primeira reportagem a ser discutida é a cobertura do SBT Brasil; que com o seu formato tradicional - com uma bancada e dois jornalistas guiando o programa - os apresentadores introduzem o fato, anunciam a manchete da matéria e chama a repórter que está *ao vivo* do hospital que as vítimas estão internadas. A jornalista narra o acontecimento, trazendo imagens das câmeras de segurança do momento do ataque. A partir daí, a reportagem que tem duração de quatro minutos e 33 segundos inicia e traz um recorte do Programa Primeiro Impacto, em que a jornalista Márcia Dantas entrou *ao vivo* em frente ao colégio logo após o ataque, entrevistando as vítimas e os parentes das crianças que estavam presentes na escola. Em seguida outra jornalista retoma a reportagem com informações do Secretário de Segurança Pública de São Paulo e do prefeito João Dória.

Já na reportagem exibida pelo Brasil Urgente, Datena faz uma chamada inicial e rápida apresentando o caso Suzano, logo após o comunicado já dirige a palavra para um repórter e o cinegrafista que estão na rua. A cena externa tem início com o repórter com o microfone em mãos, acompanhando a mãe do assassino menor de idade, Guilherme, que caminha rapidamente pela rua. O jornalista faz perguntas sobre a criação e os problemas acerca da vida do adolescente. A mulher responde todas as perguntas enquanto caminha e revela, a ser questionada, que acabara de saber do ocorrido e sua pressa era de chegar em casa. O repórter repete perguntas até que a mulher se sente incomodada com um microfone sendo colocado diante do seu rosto de forma insistente. Percebe-se ainda que pela sequência de perguntas, ele buscava por algum lapso de comoção por parte da mulher que seguia atônita e ainda sem absorver direito o que

acabara de acontecer. As cenas chegam a incomodar que as assiste, pois se percebe a situação de exposição da mãe e a insistência sensacionalista do profissional.

O jornalismo em seu mais sagrado termo deve priorizar vidas e não informações, episódios como esses se tornam comuns nos programas policiais, o que remete a falta de sensibilidade do repórter para com a mãe de Guilherme. Isso acontece em nome do *furo* de reportagem que é o que garante a audiência dos telejornais, e de forma incisiva, faz parte da linha editorial do programa.

A forma em que todas as falas foram introduzidas no decorrer da reportagem, tem uma preocupação de passar a notícia com eficácia e com direcionamento diferente das transmitidas em outros telejornais, porém existem cuidados que devem ser tomados e que passam despercebidos pela ótica dos jornalistas, que por vezes lidam diariamente com situações difíceis e o que deveria ser inédito e chocante, se torna comum, vulgar.

Ao destacar as matérias dos dois programas, é possível apreender a diferença de formato e o gênero que cada uma expôs o caso Suzano. Em relação à matéria do SBT Brasil, o telejornal passou a informação de maneira tradicional, sem que fosse necessário opinar sobre o acontecido, pois as imagens e o próprio fato já falavam por si. Todas as passagens são informativas, dando detalhes sobre o acontecido, respeitando ambos os lados, das vítimas e dos familiares que ali se encontravam.

Enquanto o Brasil Urgente, por ser um programa com outra perspectiva e estética, de caráter opinativo e espetacular, utiliza-se da dramaturgia em todo seu contexto. A forma com que o assunto é veiculado remete a um espetáculo com doses de dramaticidade, no qual as fontes não passaram de meros atores fazendo parte da narrativa de Datena. Enquanto o repórter tem um papel significativo na passagem da informação, pode-se ver que a opinião e a crítica com a mãe estão presentes ao decorrer do vídeo, não deixando de espetacularizar a vivência de uma mulher que também era vítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornalistas vivem diariamente algumas incertezas; como as informações serão noticiadas e se tal pauta irá render são interrogações e inquietações que envolvem as redações jornalísticas do mundo. O ataque em uma escola foi o suficiente para parar o país e mexer com a rotina de produção das matérias. A lógica que opera uma cobertura

desta natureza, que pauta o inesperado é estressante, mas não deve jamais justificar a perda da qualidade dos conteúdos informativos.

Compreende-se que a responsabilidade dada ao jornalista torna-se maior quando o recolhimento das informações envolvem as vítimas ou parentes destas. O grande desafio neste caso é não ferir e causar constrangimento para essas pessoas e passar a face mais verossímil possível da informação.

Muitas vezes, devido a grande demanda de notícias, o imediatismo para a finalização destas e a pressão para que o telejornal tenha maior visibilidade e audiência, faz jornalistas agirem sob pressão e, em consequência, levam vítimas a situações constrangedoras. Neste caso, o programa Brasil Urgente, colocou a mãe do garoto ao vivo em rede nacional sem nenhum tipo de responsabilidade ou respeito pela imagem daquela mulher.

Como citado neste artigo, o jornalismo é a porta para a aproximação do público com a veracidade dos fatos. No entanto, ele também lida com a vida de pessoas, com o intuito de retratar histórias reais em demais perspectivas e ângulos.

Ao citar os dois telejornais - o SBT Brasil e o Brasil Urgente - pode-se refletir sobre o papel do jornalista não apenas como apresentador dos fatos, mas como elemento crucial na construção da realidade ali veiculada. É válido ainda refletir sobre o papel do jornalista enquanto formador e propagador de opinião e, ainda questionar se a apuração, o fato e a verdade podem andar juntos sem que não haja a necessidade de espetacularização dessas notícias para que se evite ferir a idoneidade de alguém. Não defendemos aqui que na prática da produção da notícia, a objetividade deve ser posta em pedestal enquanto a narrativa deve fazer-se envolta a amarras tradicionais. É evidente que a encenação acaba por se fazer presente no âmbito da elaboração da notícia e faz parte da linguagem televisiva, mas ressaltamos que há diferenças cruciais entre produção de qualidade ética e estética *versus* dramatização elementar e gratuita.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Sobrinho Danilo. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

CORDEIRO, Tiago. **Como foi o massacre de Columbine?**. SUPERINTERESSANTE, São Paulo, 18 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/>>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

DALTO É, Andrelise. **Teorias da notícia:** uma tentativa de construção. Disponível em: <www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/123/122>. Acesso em: 11 de abril de 2019.

IJUIM, J.; SUIJKERBUIJK, H.; SCHIMIDT, L. **Jornalismo:** entre o objetivo e o subjetivo. Estudos em Jornalismo e Mídia, Brasil, v. 5, n. 1, p. 137-148, 2008.
PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV:** Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia:** os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PARISER, Eli. **O Filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. **Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Telejornalismo Televisivo.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos

SPINELLI, Egle Müller. **Jornalismo Audiovisual:** Gêneros e Formatos na Televisão e Internet. São Paulo: Revista Alterjor, 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.